

A trajetória da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917)

The writer's trajectory from Maranhão Maria Firmina dos Reis
(1822 - 1917)

Maria do Carmo L. de O. Cavalcante
Graduanda em História
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
marialima699@gmail.com

Recebido em: 20/11/2021
Aprovado em: 15/08/2022

Resumo: O presente artigo é fruto de estudos voltados à trajetória pessoal e profissional de Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense do século XIX, focando em sua carreira como docente e escritora, bem como sua relação com a imprensa do Maranhão no século XIX. Também faremos uma breve discussão sobre o ressurgimento da escritora a partir da segunda metade do século XX e sua relevância para os estudos acadêmicos atuais, principalmente para aqueles voltados as discussões de gênero e escravidão nos anos de 1800. Este trabalho tem como objetivo ser uma contribuição para tais estudos e para um maior reconhecimento de Firmina no meio cultural brasileiro. Trabalhando com conceito de trajetória esse artigo reuniu relatos orais de pessoas que conviveram com ela, documentos oficiais do Estado do Maranhão, arquivos diocesanos e escritos autobiográficos que estão presentes em livros, dissertações e textos biográficos sobre a vida e a obra da autora para construir, não apenas uma narrativa sobre a trajetória de Maria Firmina, mas, também para fazer uma análise das ações da autora perante o contexto social no qual ela viveu.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; romancistas brasileiras; Romance *Úrsula*.

Resumen/Abstract: This article is the result of studies focused on the personal and professional trajectory of Maria Firmina dos Reis, a writer from Maranhão of the 19th century, concentrating on her career as a teacher and writer, as well as her relationship with the Maranhão press in the 19th century. We will also make a brief discussion about the resurgence of the writer from the second half of the 20th century and its relevance to current academic studies, especially those focused on discussions of gender and slavery in the 1800s. This work aims to be a contribution to such studies and for greater recognition from the writer in the Brazilian cultural milieu. Working with the concept of trajectory, this article gathered reports oral reports from people who lived with her, official documents from the State of Maranhão, Diocesan archives and autobiographical writings that are present in books, dissertations and biographical texts about the author's life and work of the author to build not only a narrative about Maria Firmina's trajectory, but also to analyze the author's actions in the social context in which she lived.

Palabras clave/Keywords: Maria Firmina dos Reis; brazilian novelist; *Úrsula* novel.

Introdução

Assim como outros estados do Nordeste, o Maranhão desempenhou um importante papel econômico no período colonial, principalmente a partir do século XVII. A criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 1755, trouxe à capital maranhense um intenso processo de enriquecimento e urbanização. Com a proibição da escravização dos povos indígenas, a Companhia passou a fornecer ao estado do Maranhão um grande número de escravizados trazidos do continente africano, para que pudessem trabalhar nas lavouras de algodão, arroz e açúcar. Dessa forma, ainda na primeira metade do século XIX, a população era composta, em metade, por cativos, e a outra metade constituída por homens e mulheres livres e pobres, mestiços, indígenas e migrantes cearenses que fugiam da seca (SILVA, 2013, p. 5). O desenvolvimento da capital maranhense foi tamanho, que na primeira metade do século XIX, ela se tornou a quarta cidade mais importante do Império. Junto a ela, no pódio, estavam Rio de Janeiro, Salvador e Recife, em primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente (ZIN, 2016a, p. 77).

Foi justamente nos oitocentos, marcado pela *belle époque*, que a vida cultural Maranhense ganhou grande expressividade. Segundo Lacroix (2008, p.77), “entre 1830 e 1870, uma plêiade de [maranhenses] intelectuais se destacou no cenário nacional, chegando a dar à província o cognome de ‘Atenas Brasileira’, título conservado por bastante tempo no Brasil republicano”. Gonçalves Dias, João Lisboa, Cândido Mendes, Odorico Mendes, Sousândrade e Humberto de Campos foram alguns dos nomes maranhenses que dominaram o cenário nacional fazendo do Maranhão um grande palco da prosa, da poesia e da produção jornalística. Claro, que toda essa produção literária e intelectual se concentrava nas mãos de um pequeno grupo da elite social do Maranhão, formado basicamente por homens brancos ricos. Esse contraste fica claro na pesquisa do advogado Frederico José Correa, que nesse mesmo período, afirmou que praticamente um quarto da população local era analfabeta (1878 *apud* ZIN, 2016a, p. 79). Sobre essa precariedade educacional no estado do Maranhão no século XIX, Norma Telles escreveu:

São Luís, em meados do século XIX, era culturalmente dominada por latinistas e helenistas de valor, mas a situação do ensino era precária, como aliás em todo o Império. Em 1857, entre os alunos de aulas públicas e particulares na província, havia 1.849 meninos e 347 meninas cursando o primário e uns 200 alunos no secundário. As oportunidades de estudo para as moças eram mínimas (TELLES, 1997, p. 410).

É nesse cenário econômico, político, social e cultural que nasceu, viveu, lecionou e escreveu Maria Firmina dos Reis. Para entender os ideais abolicionistas e as denúncias da violência patriarcal existente nos poemas, nas canções e nos romances de Maria Firmina dos Reis é essencial entender o contexto social que a cercava: o Maranhão do século XIX, cuja produção cultural era exaltada nacionalmente, mas, que era marcado por uma sociedade de cunho escravista e patriarcalista, na qual recursos econômicos e educacionais se concentravam na mão de uma elite formada por homens brancos, de forma que uma mulher, negra e pobre, como era Maria Firmina dos Reis, não tinha muitas oportunidades e nem grande visibilidade. Por isso esse trabalho tem como objetivo contribuir para os estudos e reconhecimento, na história cultural brasileira, da figura de Maria Firmina dos Reis.¹ E é pensando em tal objetivo que a presente pesquisa faz uma trajetória da vida pessoal da autora, dando ênfase na sua carreira profissional, como professora de primeiras letras, mas principalmente como uma escritora do panteão maranhense do século XIX. Para a construção da trajetória de vida da autora foram reunidos relatos orais de pessoas que conviveram com ela, documentos oficiais do Estado do Maranhão, arquivos diocesanos e escritos autobiográficos que estão presentes em artigos, livros, dissertações e textos biográficos sobre a vida e a obra da autora. Uma revisão literária foi feita seguindo o critério de utilizar como fonte os trabalhos de pesquisadores que vêm estudando Maria Firmina dos Reis no Brasil. José Nascimento Morais Filho, Zahidé Lupinacci Muzart, Maria Lúcia de Barros Mott, Norma Telles, Rafael Balseiro Zin, Luiza Lobo, Eduardo de Assis Duarte, Maria Helena Pereira Toledo Machado, Luciana Diogo e Dilercy Aragão Adler são pesquisadoras e pesquisadores que se tornaram referência na temáticas relacionadas a Maria Firmina aqui no país. Seguindo os preceitos ditados por Marre, como uma forma de reunir essas referências para a construção do que o autor chama de “história de vida”:

“Englobam-se na expressão história de vida (lifehistory) tanto relatos orais como autobiografias escritas, longas entrevistas abertas e outros documentos orais ou testemunhos escritos, conferindo, assim, à expressão, um sentido mais amplo do que aquele com que geralmente é empregada” (1991, p. 90)

O uso dessas informações que aqui foram direcionadas para a construção da trajetória da vida da autora, foram pensadas não apenas para a construção narrativa da vida de Maria Firmina, mas, também como uma forma de análise das ações da autora perante as estruturas sociais vigentes, já que

¹ Esse artigo faz parte da pesquisa de uma monografia que utiliza a obra literária de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859), para fazer uma análise histórica sobre a escravidão no XIX. A pesquisa foi orientada pela Profa. Dra. Ana Cláudia Aymoré Martins.

uma trajetória pode ser entendida como “o processo de configuração de uma experiência social singular” (Kofes, 2001, p. 24), ao mesmo tempo que percursos de vidas são concebidos incrustados nas estruturas sociais que os cercam, os delimitam e os conduzem (BOURDIEU, 1996). Segundo Bourdieu (1996), é impossível que a vida de um determinado indivíduo siga uma linha linear e cronológica, por isso, é importante se afastar dessa “ilusão biográfica” e pensar numa trajetória de vida não como apenas uma experiência em ordem de acontecimentos, mas, sim como uma reflexão maior sobre a superfície social na qual esse indivíduo atuou e estava inserido.

De forma que este artigo reúne informações sobre a vida pessoal, a carreira como docente, a carreira como escritora de Maria Firmina dos Reis, sobre sua relação com a imprensa do Maranhão no século XIX e o seu ressurgimento no meio acadêmico, na metade do século XX, mas principalmente no século XXI buscando sempre uma reflexão sobre o contexto histórico e as circunstâncias sociais que envolveram o curso da vida da autora.

Na primeira parte do artigo é falado um pouco da vida pessoal de Maria Firmina dos Reis, dando ênfase em suas relações familiares, sua formação educacional e sua carreira como docente. A segunda parte do artigo é voltada para discussões a respeito da produção literária da autora no Maranhão do século XIX, que é ligada diretamente a uma boa relação da autora com a imprensa local de sua época. E finalizamos com reflexões voltadas ao reaparecimento de Maria Firmina e sua obra nos cenários culturais e acadêmicos brasileiros.

Maria Firmina dos Reis: Uma Maranhense

Maria Firmina nasceu em São Luís, na Freguesia de Nossa Senhora da Victória, no dia 11 de março de 1822². Durante uma pesquisa, a professora Dilercy Adler descobriu, no arquivo público do Maranhão, alguns documentos oficiais com registros sobre o nascimento, o batismo e a filiação de Maria Firmina, sendo eles: Autos de justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis, datado de 25 de junho de 1847³, a Certidão de Justificação de Batismo⁴ e o Livro de Batismo⁵ (ADLER,

² Em trabalhos publicados sobre a autora, anteriores a 2017, a data de nascimento da mesma constará como 11 de outubro ou novembro. Existia uma discordância sobre o seu mês de nascimento em 1825. Até então não tinham sido descobertos os documentos que registravam a data oficial do nascimento de Maria Firmina, sendo a data de seu batismo, que só ocorreu dois anos após seu nascimento, considerada a data de seu nascimento.

³ Câmara Eclesiástica/ Episcopal, série 26, Caixa n. 114- Documento-autos n° 4.171. Cf. ADLER, 2018, p. 82.

⁴ Fundo Arquidiocese- Certidão de Justificação de Maria Firmina dos Reis- Livro 298- fl. 44v. Ibid

⁵ Fundo Arquidiocese Batismo de Maria Firmina dos Reis, Livro 116- fl. 182. Ibid

2018, p. 82). O primeiro documento é bastante esclarecedor em relação às datas de nascimento e do batismo da autora, segundo Adler, ele se inicia da seguinte forma:

Diz Maria Firmina, filha natural de Leonor Filippa dos Reis, que ela quer justificar por este Juízo que nasceu no dia 11 de Março do anno de 1822, e que só teve lugar o seu baptismo no dia 21 de Dezembro de 1825, como mostra pelo documento junctos, por causa de molestia que então lhe sobreveio e privou ser baptisada antes [grafia conforme o original] (ADLER, 2017, p. 59).

Os documentos também falam sobre a filiação e sobre os padrinhos de Maria Firmina: “Maria filha natural, de Leonor Felippa molata forra que foi escrava do Comendador Caetano Je. Teixeira.^a forão Padrinhos o Tenente de Milícias João Nogueira de Souza e Nossa Senhora dos Remédios” (ADLER, 2017, p. 59). A respeito do seu pai, as únicas coisas que se sabe é o seu nome, João Pedro Esteves, e que ele era negro. É de conhecimento público que a sra. Leonor Felippa nunca foi casada, de tal forma que Firmina se enquadrava no que se considerava uma filha bastarda. Para os padrões sociais oitocentistas, Firmina, que era uma mulher, negra, bastarda e filha de ex-escravizada, não tinha status social nenhum, não desfrutava de privilégios e nem pertencia a um núcleo familiar considerado legítimo.

Firmina viveu em um núcleo matriarcal, “ela não fala [em seus diários pessoais] de nenhum homem, nem pai, nem avô, nem irmão, mas da avó, que cultivava flores e da irmã e da prima, amigas de infância” (MUZART, 2018, p. 28). Sabe-se que durante alguns anos ela morou com a avó materna e aos cinco anos ela foi morar na vila São José de Guimarães, com sua irmã, Amália Augusta dos Reis e a prima, Balduino Amália dos Reis, na casa da tia materna, Henriqueta Romana dos Reis, que teria uma situação econômica melhor, tendo, inclusive, em sua posse alguns escravizados. E foi com essa tia que ela viveu boa parte de sua vida. Também faziam parte do núcleo familiar um primo materno, Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), que morava em São Luís e que também tinha parentesco com os músicos Túlio Reis, Manduca Reis e Deca Reis (DIOGO, 2016, p. 44).

Em relação à formação educacional da autora não se sabe muito a respeito, não foi encontrado, até o presente momento, nenhum documento ou registro que aponte que ela tenha frequentado alguma instituição de ensino. O que se sabe a respeito de sua instrução está nos relatos escritos pela própria Maria Firmina:

“De uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e, por consequência, melancólica: **uma espécie de educação feirática** veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, que só conhecia

o céu, as estrelas e as flores que minha avó cultivava com esmero; talvez por isso eu tanto amei as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã... minha terna irmã e uma prima querida foram as minhas únicas amigas de infância; e, nos seus seios, eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; por ventura sem causa, mas já bem profundos [...] Vida!...” (MORAIS FILHO, 1975, n.p)[grifo nosso].

A partir desse trecho, é possível perceber duas coisas a respeito do tipo de educação que Firmina recebeu. A primeira é que ela foi de caráter “freirático”, ou seja, tinha como base os ensinamentos cristãos e a formação moral que a mulher deveria ter: “Aprender a ler, a escrever, a fazer as quatro operações e dar ênfase aos preceitos religiosos e às prendas domésticas, resumia toda a formação necessária para o espaço privado do lar” (PAIVA, 2018, p. 165). Essa era a formação escolar que esperava as meninas oitocentistas, mesmo quando entra em vigor a Lei de Instrução Pública do Império⁶, que tinha como objetivo civilizar e modernizar o país, a educação que esperava das meninas era aquela que Kelen Paiva vai chamar de “educação da agulha” (2018, p. 161), que tinha como princípio formar boas esposas e mães com uma educação moral, cristã e que lhes concedesse o título de moça prendada. Princípios considerados morais como a timidez eram ensinados às mulheres a fim de serem recatadas ou mostrar-se dessa forma diante de estranhos, dirigido com o intuito de fortalecer o papel de mãe e esposa (ABRANTES, 2004, p. 157).

“Apesar da educação escolar feminina ter sido ampliada consideravelmente, ao longo do século XIX, prevaleceu o ideário sobre a inferioridade intelectual das mulheres, o que relegou o gênero feminino a uma escolarização muito diferente da que se ofereceu[...]” (CRUZ, Mariléia do Santos; MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda, 2028, p. 155).

O segundo aspecto que Firmina nos deixa claro é que sua educação se deu no seio familiar no qual cresceu. Primeiro que sua família não tinha posses, tornando a possibilidade de frequentar uma instituição de ensino privada inexistente e o ensino público voltado para meninas ainda era muito restrito, se não nulo, nos primeiros vinte anos de vida da autora⁷. No poema intitulado *A memória de*

⁶ A lei da instrução pública de 15 de outubro de 1827 permitiu uma maior inserção de meninas nas escolas. Em seus artigos 11,12 e 13 a lei estabelecia abertura de aulas femininas em cidades e vilas mais populosas, definia currículo e os critérios e condições que uma mulher deveria ter para ocupar o cargo de professora.

BRASIL. Decreto S/N de 15 de outubro de 1827. Dispõe sobre a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. CL do Império do Brasil. Disponível em : https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim..-15-10-1827.htm Acesso em 19 de abril de 2021.

⁷ Mesmo com a instituição da Lei de Instrução Pública do Império em 1827, no Maranhão a lei só entraria em prática cerca de dez anos depois. Cf. PAIVA, 2018, p.166.

minha venerada mãe, de 7 de abril de 1871, Firmina deixa bem claro, em forma de agradecimento, que sua mãe foi uma grande incentivadora de seus estudos, encorajando Firmina a ler e a escrever:

[...] É a ti que devo o cultivo de minha fraca [inteligência]; - a ti, que despertaste em meu peito o amor a literatura; - e que um dia me disseste: Canta! Eis pois, minha mãe, o fruto dos teus desvelos para comigo; - eis as minhas poesias: - acolhe-as, abençoa-as do fundo do teu [sepulcro] [...] (MORAIS FILHO, 1975, n.p).

Segundo Mendes (2006, p. 56) Firmina era autodidata, sua formação se deu através de muita leitura, inclusive a autora lia e escrevia francês fluentemente, como fica claro em algumas traduções que fez, também em epígrafes escritas em francês encontradas em seus poemas, como exemplo, *Je T'aime! O mavié*. Ensinar e escrever foram a vida de Maria Firmina dos Reis. Ela nunca deixou o Maranhão, também nunca se casou, segundo Luiza Lobo:

"Toda a dimensão da sua melancolia devido a sua posição étnica fragilizada. Essa situação tornou-lhe impossível o casamento, por mais leitura que tivesse. [...] além da cor da pele, era desprovida de qualquer fortuna, era bastarde e ficou órfã de mãe. [...] O resgate da situação inferior da mulher é sempre mais árdua e delicada" (2015, p. 116).

Ainda segundo Luiza Lobo (2015, p. 110), alguns escritos de Maria Firmina apresentam uma melancolia doentia, até mesmo insinuações de suicídio, que só não teria acontecido devido à forte ligação religiosa da autora. Ainda assim, ela era considerada uma mulher generosa, que adotou várias crianças. Foram essas crianças, filhos de Firmina, que mais tarde contariam a José Nascimento Morais Filho um pouco mais sobre a personalidade da autora e de sua aparência física, já que não se conhece, até agora, nenhum registro fotográfico da mesma⁸.

A única representação iconográfica de Firmina é um busto esculpido pelo artista plástico Flory Gama, em homenagem ao sesquicentenário do nascimento da autora, que foi esculpido com base em descrições fornecidas por pessoas que conviveram com Maria Firmina na cidade de Guimarães, como, por exemplo, Dona Nhazinha Goulart e Dona Eurídice Barbosa, que foram filha de criação e aluna de Maria Firmina, respectivamente. "Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanhos-escuros, nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; meã [1,54, pouco mais ou menos], morena" (MORAIS FILHO, 1975, n.p).

⁸Circula em veículos de informações online uma imagem que é erroneamente atribuída a Maria Firmina dos Reis, na verdade a imagem é da escritora Maria Benedita Câmara Bormann, conhecida pelo pseudônimo de Délia, e que também foi uma escritora, porém, ela era natural do Rio Grande do Sul.

Um episódio descrito por um conhecido de Maria Firmina nos diz muito a respeito de seus ideais morais, bem como de sua crítica à escravidão. Quando Firmina foi receber o título de nomeação para exercer o cargo de Professora Régia, suas parentes queriam que ela fosse de palanquim, uma prática comum para situação, e ela se recusou proferindo a frase: “**Negro não é animal para se andar montado nele**. De forma inteligente e verdadeiramente cristã afirmava que a escravidão contradizia os princípios do cristianismo, que ensinava o homem a amar o próximo como a si mesmo”. (ADLER, 2014, p.12 grifo do autor). Esse pensamento nos revela um lado da autora, ela acredita que a escravidão é uma injustiça, a qual infligiu aos escravizados grandes sofrimentos, ideal que mais tarde a levou a ser reconhecida como a primeira romancista abolicionista do Brasil.

“Digna professora pública do ensino primário da freguesia de Guimarães”⁹

A partir do século XIX, a educação feminina começa a conquistar espaços na sociedade brasileira, por conta da Lei Imperial de Instrução Pública, que possibilitou a abertura de aulas femininas para vilas e cidades por todo o país. Claro, que a educação feminina era diferente da educação que os meninos recebiam, pois, prevalecia o ideário de inferioridade do sexo feminino, sendo disponibilizada às mulheres um currículo distinto, com conteúdos mais simples harmonizados com os saberes domésticos. “E neste caso em questão, cabe salientar que as professoras deveriam acrescentar no ensino das moças prendas necessárias às habilidades domésticas, limitar-se ao ensino das quatro operações de aritmética e excluir as noções de geometria” (SANTOS, 2016, p.26). Sendo certo que essas aulas para as meninas só poderiam ser ministradas por outras mulheres, que deveriam ser de boa reputação, ter conhecimento básico de letras, leitura e das quatro operações, além de conhecimentos domésticos. Seguindo o que o Artigo 12 da Lei Imperial de Instrução Pública determinava:

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem á economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º. [grafia conforme o original]

⁹O título desta seção faz referência a uma nota sobre Maria Firmina publicada no jornal maranhense “Publicador Maranhense” em 2 de janeiro de 1871, p.2.

Historicamente falando, o processo de feminização do magistério modificou o papel da mulher perante a sociedade. Aos poucos o papel social desse gênero foi se transformando, pois, essa laboração permitiu o início da profissionalização da mulher num campo de trabalho intelectual.¹⁰

Foi a profissão docente com sucessivas adesões femininas, a partir do início do século XIX, que permitiu a demarcação e a ampliação de espaços de atuação para as mulheres no campo intelectual, favorecendo a participação na literatura e na imprensa (CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; SILVA, Ediane Holanda, 2018, p. 153).

É nessa conjuntura que, em 1847, Maria Firmina dos Reis ganha a disputa com outras duas candidatas para se tornar professora de primeiras letras no ensino público de Vila Guimarães (MORAIS FILHO, 1975, n.p). Carla Sampaio dos Santos (2016, p. 60), levanta a hipótese de que Maria Firmina não teria vencido suas concorrentes apenas por mérito próprio. Ela traz a informação de que Sotero dos Reis, primo de Firmina e inspetor de ensino na época, participou da avaliação ou do acompanhamento do processo de seu exame, além de também participar das comissões “[...] organizar mais regularmente, as funções do magistério Público da Província” no que fosse “[...] conveniente codificar na legislação existente sobre a instrução primária e secundária [...]” e tendo total autonomia para as devidas “[...] correções, e complementos que julgarem necessário [...]” (SANTOS, 2016, p. 60-61). De tal forma, Sotero participou diretamente da criação e da organização de todo o processo de instrução pública do Maranhão, podendo ter interferido diretamente na seleção de Maria Firmina para o cargo, favorecendo sua prima.

No dia 15 de outubro de 1847 a nomeação de Maria Firmina foi oficialmente publicada. Ela se tornou professora de primeiras letras para meninas e ministrava as aulas em sua própria casa:

Nomeação para Professora de primeiras letras de sexo feminino da Vila de Guimaraes Maria Firmina do Reis. Doutor Joaquim Franco de Sá oficial da Imperial Ordem da Rosa Cavalleiro da de direito, juiz de Direito da Comarca de Alcântara, Deputado á assembleia legislativa, e ao presidente da província do Maranhão [...]. Faço saber aos que este Alvará [olharem], que atendendo a que Maria Firmina do Reis, depositara á cadeira de primeiras letras do sexo feminino da Vila de Guimarães, se acha competentemente habilitada na forma da lei de quinze de outubro de mil

¹⁰Vale ressaltar que o mercado de trabalho sempre esteve presente na vida das mulheres ao longo da história do Brasil. Mulheres negras, livres ou escravizadas executavam trabalhos remunerados desde o período colonial, a exemplo, temos as “negras de tabuleiro”. Margareth Rago destaca o trabalho de mulheres imigrantes como tecelãs e costureiras em estabelecimentos fabris no século XIX, Cf. RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 578-606.

oitocentos e quarenta e sete, [lhe foi] bem, em conformidade das leis em vigor [...].
(LIVRO DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL DO MARANHÃO, Outubro/1847)

Sobre a vivência de Firmina em sala de aula, são raros os documentos que a mencionam, o livro de Paulo Oliveira, *Cronologia da História de Guimarães*, traz um trecho que faz menção a turma de alunas de Maria Firmina. Ele diz que “[...] na vila, dois professores públicos de primeiras letras: Daniel Vitor Coutinho lecionava para meninos e Maria Firmina dos Reis, com quatorze meninas [...]”. Também o jornal *Publicador Maranhense*, em 6 de maio de 1867 publicou um pequena nota falando que a cadeira de primeiras letras foi assumida pela maranhense em, “[...] Guimarães, a professora D. Maria Firmina dos Reis, 8 [alunas] [...]” (*apud* SANTOS, 2016, p.63). Além disso, a partir da análise das leis de ensino do Maranhão nos oitocentos, é possível determinar alguns outros fatores sobre a carreira docente de Firmina, a exemplo de seu salário anual, estipulado em trezentos mil réis, com gratificação de três mil réis por cada aluno e que em sala de aula, a mestra Firmina utilizava o método individual de ensino¹¹, pois, segundo a recomendação da lei, era esse o método que deveria ser utilizado para a quantidade de alunas para quais Firmina lecionava. Todas essas informações são estipuladas por artigos da Lei nº 267 de 17 de dezembro de 1849 que reorganizou algumas estruturas da instrução pública do Maranhão.

Na biografia que Morais Filho fez sobre Firmina, ele coletou um depoimento de uma ex-aluna de Firmina que nos revela de forma mais direta e pessoal como ela agia dentro da sala de aula: “D.Eurídice Barbosa Cardoso nos relata que “mestra Maria Firmina era enérgica, falava baixo não aplicava castigos corporais, não ralhava: aconselhava””(MORAIS FILHO, 1975, n.p). Segundo Paiva (2018, p. 169) “o fato de não ter se valido dos castigos corporais indica sua postura consciente de uma educação diferenciada [...]”, em vista que mesmo após a proibição dos castigos corporais nas escolas, em 1827, eles continuaram sendo muito utilizados por todo o século XIX - até mesmo nas primeiras décadas do século XX -, chicotes e palmatórias eram comumente usados para punir a má disciplina e até mesmo a dificuldade de aprendizagem.

Em 1881, Maria Firmina aposentou-se oficialmente do cargo público de professora, porém, ela continuou a lecionar por conta própria e fez algo considerado inédito na história do Maranhão. Em

¹¹Segundo Bastos, o método individual de ensino consiste em “fazer ler, escrever, calcular, cada aluno separadamente, um após outro, de maneira que, quando um recita a lição, os demais trabalham em silêncio e sozinhos. Cf. BASTOS, Maria Helena. A instrução pública e o ensino mútuo no Brasil: uma história pouco conhecida (1808-1827). **História da educação**. Pelotas, n 1, v. 1, p. 115-133, jan/jun 1997.

1880, Firmina fundou, no povoado de Maçaricó, uma escola para meninos e meninas. A escola funcionava num barracão. Firmina, com seus alunos e alunas, iam juntos para escola num carro de boi. Ela ministrava aulas para os filhos dos lavradores e dos fazendeiros, apenas cobrava mensalidade daqueles que tinham condições de pagar e para os demais alunos ela ensinava de forma gratuita, conforme relatou D. Nhazinha Goulart, ex-aluna da escola mista. “[...] era todo mundo junto: meninos e meninas.[...] Quem tinha posses pagava e quem não tinha não pagava. [...] a gente ia com Maria Firmina num carro de boi e Pranchada era o pajem [...]” (MORAIS FILHO, 1975, n.p)

Para Moraes Filho, a escola mista de Firmina foi “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o seu pioneirismo subversivo de 1880” (1975, n.p). Infelizmente a escola não teve uma longa duração, encerrando suas atividades dois anos e meio após sua fundação, em parte por dificuldades financeiras, já que ela não dispunha de verba pública e sim da verba de mensalidade ou da conta pessoal de sua mestra, e em parte pela resistência social que esse formato de ensino enfrentava, muitos acharam um verdadeiro absurdo unir meninos e meninas numa mesma sala de aula, como nos diz Raimundo de Meneses as aulas mistas “escandalizou os círculos locais, em Maçaricó [...] e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio.”(1978, p. 570).

A educação para a igualdade de gênero deve considerar conteúdos que favoreçam representações positivas sobre as mulheres, oriundos de estudos históricos centrados em narrativas que destaquem o protagonismo feminino, demonstrando que houve mulheres que, embora submetidas às limitações do seu tempo, sofrendo as consequências de uma condição subjugada, souberam reverter tais processos marcando a história nacional com feitos e atuações sociais, para as quais só se esperava a participação masculina (CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; SILVA, Ediane Holanda, 2018, p.152).

Apesar de ter sido uma escritora muito ativa na sua época, foi como professora que Maria Firmina dos Reis se manteve durante toda sua vida adulta. A trajetória docente de Maria Firmina nos revela um pouco da visão avançada que ela tinha para a época em que viveu. Ela assumiu uma posição bastante corajosa de acreditar numa educação para todos e de forma igualitária, na qual as meninas recebessem uma instrução intelectual que transcendesse as quatro paredes do confinamento doméstico sob o qual eram submetidas.

As fontes documentais conhecidas até o momento esboçam em tom pastel a imagem da professora que superou as amarras de uma sociedade em que o direito à educação era para homens, brancos e de posses e que contribuiu, por meio da Literatura, de

sua participação na imprensa periódica e sua atuação na sala de aula para a construção de um século de História com mais oportunidades para que outras mulheres passassem pela porta aberta pelas pioneiras no processo de emancipação da mulher. (PAIVA, 2018, p. 170)

Ainda segundo Paiva, as mulheres do século XIX tinham três estratégias para sair do âmbito privado do lar e transitar pelo espaço público da sociedade: a literatura, a imprensa e a educação (2018, p. 159). Maria Firmina dos Reis durante toda sua vida utilizou as três.

“Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”¹²

Assim como outras escritoras de seu tempo, como Ana Luiza de Azevedo Castro (1823-1869) e Nísia Floresta (1810-1885), Maria Firmina dos Reis também reivindicou um lugar no mundo das letras, “seguindo uma tendência ainda nascente de crescimento da escrita feminina no Brasil” (CARVALHO, 2018, p. 272). Se tratando de sua produção textual, Firmina foi bastante ativa, tendo escrito e publicado textos de diferentes gêneros literários como romances (*Úrsula* - 1859 e *Guepava* - 1861), contos (*A escrava* - 1887) e poesias (*Cantos à Beira Mar* - 1871). Também foi uma das poucas mulheres convidadas a participar da *Antologia Poética Parnaso Maranhense* (1861); Composições musicais (melodia e letra), tais como *Hino à libertação dos escravos*, *À Pátria de Cumã* e *Auto de bumba-meu-boi*; e além disso também escreveu enigmas, charadas, crônicas e atuou como folclorista.

Nos oitocentos, a escrita feminina ainda não era considerada uma atividade benéfica para as mulheres, talvez por isso muitas escritoras do século XIX tenham se provido de pseudônimos para publicarem suas obras, por medo de sofrer alguma retaliação da sociedade na qual estavam inseridas. A própria Maria Firmina, ao publicar seu primeiro texto literário pela Typografia do Progresso, o romance *Úrsula*, assinou-o sob o pseudônimo de “Uma Maranhense”. “No ano seguinte à publicação de seu romance inaugural, Firmina passa a colaborar em jornais locais com textos poéticos, divulgando, na Imprensa, um primeiro poema utilizando, ainda sob o manto protetor, as iniciais M.F.R” (ZIN, 2016b, p. 87). Terezinha Queiroz traz uma breve explanação de como a literatura no século XIX vai tomando conta do universo feminino e, na mesma medida, vai marginalizando as mulheres, uma vez que socialmente, esse não seria um papel da mulher.

A leitura e a escrita de romances, no século XIX, conquistavam o universo feminino e pareciam bastante adequadas às mulheres. Tanto a leitura quanto a escrita dos

¹² O título desta seção faz referência a um trecho sobre um anúncio da publicação de um poema de Maria Firmina dos Reis no jornal “O Jardim das Maranhenses” em 20 de setembro de 1864, p.1.

romances permitiam às mulheres o acesso a novos espaços geográficos, sociais, culturais e humanos, através das descrições detalhadas de estados psicológicos interiores e de cenas exteriores.[...] Nesse século, o romance atinge o apogeu como gênero, ao tempo em que as mulheres passam a ter forte presença como escritoras e como leitoras. Entretanto em virtude dos deslocamentos sociais que propiciavam, às vezes silenciosos, mas quase sempre tagarelas, que eram vistos como desconfiguradores dos papéis atribuídos a cada sexo (QUEIROZ, 2011, p. 204).

Assim como a produção escrita era socialmente atribuída aos homens, a participação na imprensa também era de domínio masculino, mesmo que existisse um tipo de imprensa voltada para o público feminino, seus artigos muitas vezes eram escritos por homens. Até que no século XIX, a imprensa feminina vai se tornar um movimento grande e crescente:

“Sobre a participação das mulheres na imprensa, vale lembrar que na história a chamada ‘Imprensa feminina’ no Brasil, dois momentos há que se considerar: a criação de jornais dirigidos por homens e direcionados ao público leitor feminino e a criação e redação de jornais de autoria feminina para o mesmo público” (PAIVA, 2018, p. 159).

Não se pode deixar de considerar que a imprensa feminina, no formato feito por mulheres e para mulheres, se tornou um meio para alcançar a emancipação feminina, sendo cada vez mais comum que os artigos tratassem de temas como: o direito de trabalho, o direito ao voto, ao divórcio e a educação feminina (PAIVA, 2018, p. 160).

Maria Firmina aproveitou bastante essa inserção feminina na imprensa, ela foi colaboradora e publicou seus textos em vários jornais maranhenses, dentre eles estão: *A Imprensa, Publicador Maranhense, O Jardim das Maranhenses, Porto Livre, Eco da Juventude, A Verdadeira Marmota, Semanário Maranhense, O Domingo, O País, Revista Maranhense, Diário do Maranhão, Pacotilha, Federalista*. Muito do que Maria Firmina escrevia e publicava estava relacionado ao seu cotidiano, seus sentimentos, sobre o próprio Maranhão, sobre as pessoas ilustres que eram conhecidas pelo seu público. Esta é a realidade que conhecia, tendo em vista que nunca saiu de São Luís do Maranhão. Apesar de não ter conseguido ser conhecida nacionalmente, ela recebeu bastante prestígio no Maranhão, como mostram os trechos de jornais a seguir:

O Romance brasileiro, que se vai dar ao prelo, sob a denominação de - Úrsula- é todo filha da imaginação da autora, jovem Maranhense, que soltando as azas a sua imaginação, estreia a sua carreira literária, offerencedo ao Ilustrado Público da sua nação as paginas, talvez por demais vazia d’um estylo apurado, como é o do século, mas simples; e o pensamentos, não profundos, mas entranhados de patriotismo. Todo elle resente-se de amor nacional, e de uma dedicação extrema à Liberdade (A Imprensa, 17 de outubro de 1857). [grafia conforme o original]

Esta obra digna de ser lida, não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estréia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos provas de seu belo talento¹³ (A Imprensa, 18 de fevereiro de 1860 *apud* MORAIS FILHO, 1975, n.p). [grafia conforme o original]

Os versos de M. Firmina dos Reis indicão uma imaginação cheia de vivacidade da parte da autora; muita leitura e gosto, e o doce perfume dos sentimentos sentidos do coração, sem ensaio nem affectação.

De ha muito que todos conhecem os talentos e a habilidade da autora da Úrsula, assim não causou estranhesa as poesias que mandou para o Parnaso¹⁴ (A imprensa, 19 de outubro de 1861). [grafia conforme o original]

Canto à Beira -Mar- É este o formoso título debaixo do qual vão ser impressas as poesias da talentosa maranhense, D. Maria Firmina dos Reis, digna professora pública do ensino primário da freguezia de Guimarães. São bem conhecidos muitos de seus mimosos versos; e por elles, sem duvida, o publico acolherá muito agradavelmente a colleção que se lhe promete. Si são dignos de animação os fructos da intelligencia e da applicação, quando é um homen que com elles vem enriquecer as letras patrias, mas o é sem duvida, si partem do talento de uma senhora. Nem só mais raro são os triumphos que n'este genero conquista em nosso paiz o bello sexo, como também importão mais vigor de talento e sentimento, e maior esforço para vencer os obstacúlos que ainda dificutão entre nós do sexo feminino uma instrução mais sólida e desenvolvida¹⁵ (O Publicador Maranhense, 02 de janeiro de 1971). [grafia conforme o original]

De maneira clara, Maria Firmina conseguiu através de seus textos, galgar um lugar no panteão maranhense, se afirmando como uma mulher negra, professora e escritora. Progressivamente, deixou de lado o medo da hostilização e assumiu a autoria de suas publicações: “A produção poética de Maria Firmina dos Reis, bem como a publicação de seus textos na imprensa, afirmam a capacidade feminina de demonstrar sua intelectualidade, como também a compreensão do espaço literário como forma de divulgação de suas ideais sobre a vida e o mundo” (CARVALHO, 2018, p. 272). Mas, apesar de ter conseguido notoriedade e reconhecimento no seu meio, Firmina nunca entrou na elite literária, suas obras nunca lhe renderam um prestígio econômico ou um reconhecimento no âmbito nacional. Na velhice ela foi morar na casa de uma amiga e vivia, basicamente, de sua aposentadoria como professora.

¹³ Nota lançada no jornal “A Imprensa” a respeito do lançamento e da venda do primeiro romance de Maria Firmina, “Úrsula”.

¹⁴ Avaliação sobre os poemas de Maria Firmina no “Parnaso Maranhense”.

¹⁵ Nota lançada a respeito do lançamento da coletânea de poesias “Cantos à Beira Mar”, de Maria Firmina dos Reis. Vale ressaltar que a nota foi escrita por uma mulher e que no final ela faz uma crítica a prioridade e ao favoritismo que os homens têm no meio literário e também a precariedade da instrução intelectual que era dada às meninas nos oitocentos.

Acontece, contudo, que os anos se passaram e, mesmo, tendo ocupado um lugar proeminente no cenário cultural maranhense oitocentista, tomando com as mãos a aspiração de, através do magistério e da literatura, contribuir para a construção de um país mais justo e sem opressão, a escritora ficou esquecida por muitos anos, provavelmente, por conta de um possível silenciamento ideológico vindo das elites condutoras da vida intelectual brasileira. Faleceu, em 11 de novembro de 1917, cega, pobre e sem nenhuma honraria, na casa de uma amiga que vivera como escrava e em companhia de Leude Guimarães, um de seus filhos de criação. O resultado disso é que uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século. (ZIN, 2016b, p.88)

A morte de Maria Firmina a colocou num completo ostracismo, por quase um século seu nome foi apagado da memória maranhense, com exceção daqueles que conviveram com a autora. E durante muitos anos, sua obra literária foi esquecida, como, aliás, a de outras mulheres que produziram literatura no século XIX. Segundo Zahidé Lupinacci Muzart, o romance *Úrsula* não teve maior repercussão “por ter sido editado na periferia, longe da Corte, e por ser de uma mulher e negra” (2000, p. 266).

O desafio é pensar como uma escritora tão emblemática continua à margem da tradição literária, mesmo tendo continuamente oferecido “provas de seu talento” ao confrontar, em pleno século XIX, os limites do etnocentrismo escravocrata e ao problematizar o lugar da mulher e do negro em sociedade sexista que ainda mantém reflexos vivos no Brasil atual (PEREIRA, 2018. posição 121).

Tudo isso começa a mudar a partir da segunda metade do século XX, quando a obra e a trajetória de Maria Firmina são trazidas à tona. Em 1962, o historiador Horácio de Almeida encontrou em um sebo no Rio de Janeiro o romance *Úrsula*, e após uma pesquisa, identificou o pseudônimo da autora e fez um fac-similar do texto. "No prólogo a esta edição, Horácio de Almeida salienta a ausência da escritora nos estudos dedicados à literatura maranhense. O único autor a mencioná-la foi 'Sacramento Blake' (MUZART, 2018, p. 26). Alguns anos depois, Nascimento Morais Filho recebeu de um dos filhos adotivos de Firmina uma espécie de diário pessoal da autora - o *Álbum*¹⁶, no qual ela escrevia sobre seus sentimentos, seus pensamentos e suas emoções:

O “Álbum” é composto de pequenos textos, a maioria versando sobre a dor da partida, seja pela morte, seja pela mudança de Guimarães para outra cidade. De qualquer modo, os textos expressam a tristeza da separação[...] O tom que domina é

¹⁶O primeiro texto que se encontra no *Álbum* é datado de 1853, porém, sabe-se que muito do que havia nesses manuscritos se perdeu, como comenta o próprio filho adotivo de Firmina que os guardava. Segundo ele relatou para Morais Filho, ele tinha consigo muitos cadernos com romances, poesias e um álbum de recordações de sua vida e sua família, porém, quando ele se mudou para São Luís uns ladrões entraram no quarto onde estava hospedado, arrombaram o baú e levaram tudo o que lá havia, só deixando para trás folhas do *Álbum*, que ele teria encontrado pelo chão. Cf. MORAIS FILHOS, 1975, n.p.

o elegíaco e, dentre as lamentações, encontram-se dados que nos permitem concluir que a vida de Maria Firmina foi árdua e solitária (MUZART, 2018, p.26).

Morais Filho reuniu informações sobre a autora, depoimentos de pessoas que a conheceram, textos da autora que foram publicados, artigos de jornais que falavam a respeito da mesma e junto com o *Album* publicou a primeira biografia de Maria Firmina dos Reis. A partir disso, muitos pesquisadores, de diversas áreas acadêmicas, começaram a se interessar pela vida e obra de Maria Firmina dos Reis:

Horácio de Almeida, Nascimento Moraes Filho, Eduardo de Assis Duarte, Luiza Lobo, ZahidéLupinacciMuzart, já mencionados, e Maria Lúcia de Barros Mott publicaram estudos importantes sublinhando o pioneirismo de Firmina como autora do sexo feminino, como precursora da literatura abolicionista e como fundadora da literatura afro-brasileira. Em meados dos anos 2000, o tema chegou aos programas de pós-graduação de nossas universidades, adquirindo novas características e dando início a uma notável tendência ascendente sobre a obra de Maria Firmina dos Reis. Desde então, mais de uma dezena de dissertações e teses, provenientes das áreas de literatura, história, sociologia e estudos culturais, foi escrita (MACHADO, 2018, posição 154).

Impulsionada pelos movimentos culturais do feminismo e do movimento negro no Brasil, a figura de Maria Firmina tem sido fomentada no cenário cultural brasileiro. Esses movimentos buscam reparar uma injustiça que colocou artistas, escritores e pesquisadores num ostracismo por conta de preconceitos de classe, preconceitos de gêneros e preconceitos raciais, pois, como muitos aspectos culturais e sociais, a literatura brasileira também foi moldada por estereótipos e exclusões. O nome de Maria Firmina dos Reis recebe hoje reconhecimento devido aos trabalhos de pesquisadores de estudos de gênero e estudos afro-brasileiros que estão em constantes esforços para restituir autoras e autores afro-brasileiros que foram ignorados, fazendo levantamentos e estudos críticos acerca de suas produções.

“A produção literária dos afro-descendentes encontra na últimas décadas uma atenção mais singularizada por parte de escritores e críticos que buscam mapear uma tradição negra vernacular no âmbito da Literatura Brasileira, sublinhando o diverso leque de matizes e linhagens que traduzam a afrodescendência, caligrafada na e pela letra literária. A expansão do olhar sobre textos, autores, temas, situações e experiências, de certa forma até então exilados da reflexão crítica, dos meios e circuitos de veiculação e de reconhecimento, distende nossa cartografia literária e desafia as redes discursivas formadoras de juízo e opinião (MARTINS, 2007, p.56-57).

Três de suas obras - *Úrsula* de 1859, *A escrava* de 1887 e *Gupeva* de 1861 - têm servido como base de análises sociais, históricas e literárias, por tratarem de temas pertinentes e conflitantes para o

século XIX, tais como violência e ilegitimidade da escravização de negros, as crueldades, a opressão, a submissão, sujeição, infelicidade e a violência sobre a qual muitas mulheres viviam e eram vítimas em consequência de uma sociedade dominada pela vontade dos homens e até mesmo à alienação mental de uma sociedade de cunho patriarcal e escravocrata.

O romance *Úrsula* é considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil, pois, de forma inédita, o negro escravizado é descrito de maneira humanizada, com sentimentos, com saudades, com tristezas e com memórias. Maria Firmina deu voz aos personagens negros de seu livro: “A autora não pinta negros-brancos, isto é, que pensem, se pareçam e se comportem como seus senhores [...] [ela] tenta retratar africanos em cativeiro” (TELLES, 2018, p. 48). Luiza Lobo também comenta sobre a consciência de Maria Firmina ao escrever *Úrsula*:

A consciência da negritude em Maria Firmina dos Reis em sua obra pioneira consiste em ver a questão da abolição não sob um prisma universalista, europeizado e distante do cotidiano, mas sob a ótica do vencido, descrevendo as condições concretas do escravo. Ela insere em toda sua obra preciosos aspectos antropológicos que permitem ver a existência do escravo no seu aspecto real, sob o jugo de senhores e fatores que agiam sob o amparo das leis. (LOBO, 2011, p. 119)

E Eduardo de Assis Duarte comenta como o romance *Úrsula* permite pela primeira vez uma perspectiva interna da narração do que era ser um negro escravizado no Brasil:

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro em nosso país. (DUARTE, 2004, p. 279).

Considerações Finais

As obras escritas de Firmina deixam claro a visão social que a autora tinha. Como uma mulher negra que viveu no século XIX, ela enxergava as injustiças sociais que a cercavam, mas, também tinha clareza de quem era, de sua posição social e de sua personalidade tímida e acanhada, encontrando na escrita uma forma de demonstrar coragem e falar ao público sobre as amarras e os preconceitos da sociedade oitocentista: “É preciso lembrar a posição corajosa de Maria Firmina ao denunciar a ilegitimidade e a violência da escravidão, justamente no Maranhão, província que era considerada como sendo fortemente escravista” (MOTT, 1989, p. 61).

Na Literatura Brasileira predominou uma herança textual européia e o que implicou em uma história de exclusão, silenciamento e lacunas para a produção textual de povos que foram historicamente marginalizados: “textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas” (MARTINS, 2007, p. 57). Por isso, é de grande importância o trabalho de pesquisadores que tentam reverter esse padrão eurocêntrico, dedicando méritos e relevância social e histórica a autoras como Maria Firmina.

D. Maria Firmina dos Reis, durante muito tempo esquecida, é uma das mulheres brasileiras do século XIX que se colocou numa posição contrária ao papel que foi dado à mulher e que utilizou das estratégias disponíveis para não se limitar ao espaço privado do lar. Ela não teve acesso a um número significativo de obras nacionais ou estrangeiras, também não teve uma instrução acadêmica, nunca fez grandes viagens e nem teve contato com a alta camada intelectual da sociedade, de forma que seus escritos, embora não sejam inovadores do ponto de vista da construção estética, foram o suficiente para dar a Firmina um merecido lugar nos estudos literários, sociais e históricos como uma autora feminina que sabia com clareza dos limites que cingiam as mulheres de seu tempo e da importância da educação e da cultura.

Referências bibliográficas

- ABRANTES, Elizabeth Sousa. A Educação Feminina em São Luís (século XIX). In: COSTA, Wagner Cabral da (Org.). **História do Maranhão: novos estudos**. São Luís: EDUFMA, 2004.
- ADLER, Dilercy Aragão. A Mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. (Org.). **Maria Firmina dos Reis: facas de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 81-101 Não tem espaço entre as referências, é um espaço depois do parágrafo não lembro de quanto
- ADLER, Dilercy Aragão. **Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor**. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.
- ADLER, Dilercy Aragão. **Elogia À Patrona Maria Firmina dos Reis: ontem, uma maranhense, hoje, uma missão de amor**. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2014.
- BRASIL. Decreto S/N de 15 de outubro de 1827. Dispões sobre a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. CL do Império do Brasil. Disponível em : <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim..-15-10-1827.htm> Acesso em 15 de maio de 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. Maria Firmina dos Reis: incursões poéticas no cenário oitocentista. In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. (Org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 255-273.

CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XI”. **Revista NOTANDUM**, São Paulo/Porto, Nº48, p.151-166, set/dez 2018.

DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras *Úrsula* e *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis**. 2016. V.1 (versão corrigida). 225f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DIOGO, Luciana Martins. Livro da Assembleia Provincial do Maranhão, Outubro/1847: Nomeação para Professora de Primeiras Letras. In: MEMORIAL de Maria Firmina dos Reis. [São Paulo], 15 de out de 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/firmina-na-escola/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

DIOGO, Luciana Martins. Firmina na imprensa: nos periódicos do século XIX. In: MEMORIAL Maria Firmina dos Reis. [São Paulo], 16 de jun de 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/firmina-na-imprensa/nos-periodicos-seculo-xix/page/3/>> . Acesso em: 17 de maio de 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos Reis. **Úrsula**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004, p. 265-281.

FOLHETIM: O Parnaso Maranhense. **A Imprensa**. São Luiz, 19 de out de 1861. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=035156&pagfis=1791>> . Acesso em: 22 de maio de 2021.

GAZETILHA: Canto À Beira-Mar. **Publicador Maranhense**. São Luiz, 02 de jan de 1871. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=720089&pagfis=21341>> . Acesso em: 22 de maio de 2021.

KOFES, Suely. 2001. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas, SP: Mercado de Letras

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**, 3ª ed. São Luís: Editora UEMA, 2008.

LOBO, Luiza. Luz e Sombra na Obra de Maria Firmina dos Reis. In: VAZ, Leopoldo Gil Dulcio; ADLER, Dilercy Aragão. (Org). **Sobre Maria Firmina Dos Reis**. São Luís: ALL, 2015, p. 107-121.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v.1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 112-126.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Estabelecimento de texto e posfácio de Maria Helena Pereira Toledo Machado. São Paulo: Penguin& Companhia das Letras, 2018. *E-book* (não paginado).

- MARANHÃO. 17 de dezembro de 1849. **Assembléia Legislativa Provincial**: coleção das leis, decretos e resoluções da Província do Maranhão. Maranhão, p.49-55, 1850.
- MARRE, J. L. **História de Vida e Método Biográfico**. Cadernos de sociologia, Porto Alegre, v.3, nº 3, jan/jul 1991, p. 89-141.
- MARTINS, Leda. **A fina lâmina da palavra**. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, Minas Gerais, v.15, p. 55-84, 2007
- MENDES, Algemira. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira**: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006. 282f. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- MENESES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luiz: COCSN, 1975.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Escritoras negras**: resgatando a nossa história. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1989.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Zahidé. Lupinacci. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p. 264- 284.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. (Org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 21-37.
- PAIVA, Kelen Benfenatti. Maria Firmina dos Reis: educação e emancipação feminina. In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. (Org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p.157-17.
- PEREIRA, Danglei de Castro. Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito. In: **Úrsula e outras obras**. BRANDÃO, Wellington.(Org) SÉRIE Prazer de Ler n. 11. Brasília: Edições Câmeras, 2018. *E-book* (não paginado).
- PUBLICAÇÕES pedidas: Prospecto. **A Imprensa**. São Luiz, 17 de out de 1857. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=035156&pagfis=143>> . Acesso em: 22 de maio de 2021.
- QUEIROZ, Teresinha. Amélia Beviláqua e a escrita feminina no Brasil. In. BORRALHO, José Henrique de Paula; BEZERRA, Nielson Rosa; GALVEZ, Marcelo Cheche. (Org). **Pontos, contrapontos não desvendados**: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista. São Luís: Café e Lápis editora, 2011, p. 175-203.
- SANTOS, Carla Sampaio dos. **A escritora Maria Firmina dos Reis**: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX. 2016. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão**: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX. 2013. 177f. Tese (Doutorado em História Econômica)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 401-442.

TELES, Norma. Uma Maranhense. In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. (Org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p.39- 50. ok

ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação pictórica de escritoras negras no Brasil: o caso de Maria Firmina dos Reis (1825-1917). **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. São Paulo, n.3, p. 83-101, nov 2016a.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016b.